

COLETE ENCARNADO

1,2 e 3

JULHO 2005



Câmara Municipal de Vila Franca de Xira / Turismo



Vila Franca de Xira



FADO

de

Vila Franca

barrete sobre a orelha
cinta vermelha bem apertada
e ao alto firme o pampilho
quando o novilho foge à manada

com o colete encarnado
jaqueta e meia branca
campino toiros e fado
esperas de gado em vila franca

oh terras do ribatejo
cheias de sol e alegria
oh gente sem ambições
que dá lições de valentia

oh terras de vila franca
onde tanta e tanta vez
sem temer uma colhida
se arrisca a vida com altivez

Um lavrador de samarra
e uma guitarra bem dedelhada
campinos de manhã cedo
firmes sem medo sobre a montada

e se uma pega é valente
ninguém da praça os arranca
vibra a gente entusiasmada
numa tourada em vila franca

oh terras do ribatejo
cheias de sol e alegria
oh gente sem ambições
que dá lições de valentia

oh terras de vila franca
onde tanta e tanta vez
sem temer uma colhida
se arrisca a vida com altivez

Letra e Música:
João Nobre

Propriedade Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Direcção Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Maria da Luz Rosinha
Edição Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Departamento de Cultura, Turismo e Actividades Económicas
Design, Redacção e Fotografia Gabinete de Gestão de Informação e
Relações Públicas
Colaboração Especial Carlos Vieira da Silva; José Jorge Letria
Impressão Tipografia Municipal
Tiragem 3000 exemplares
Distribuição gratuita . Junho 2005

Técnica

COLETE ENCARNADO

de 2005
reforço e renovação



Em mais uma edição, a 73ª, do Colete Encarnado, gostaria de realçar alguns aspectos do programa deste ano, preparado e organizado com a preocupação de reforçar os vectores típicos e populares da nossa iniciativa, a grande festa urbana a que o campo se associa e onde marca presença decisiva, assim contribuindo para a manutenção de uma cultura genuína, assente nos valores tradicionais da boa vivência ribatejana, acrescidos da nossa maneira especial de viver e conviver.

E como as questões ligadas à tauromaquia mantêm o seu significado de sempre, começo por referir o lançamento de dois livros importantes, tanto para Vila Franca de Xira como para o

Por outro lado, os restantes desenvolvimentos do programa comportam, entre outros, animação musical de alta qualidade, nos locais habituais e noutros espaços nobres da cidade, animação taurina em Esperas e Largadas, Missa Rociera na Igreja Matriz, logo no primeiro dia, desfile de cavalos e atrelagens depois da Homenagem ao Campino, no sábado, altura em que o Pampilho de Honra será entregue ao campino José Miranda, da casa agrícola João Ramalho, antes da inolvidável Noite da Sardinha Assada. E no domingo à tarde, recuperamos a antiga e popular exibição de ranchos folclóricos, com a sua alegria e o seu vigor sempre renovados.

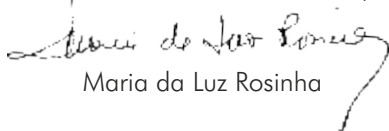


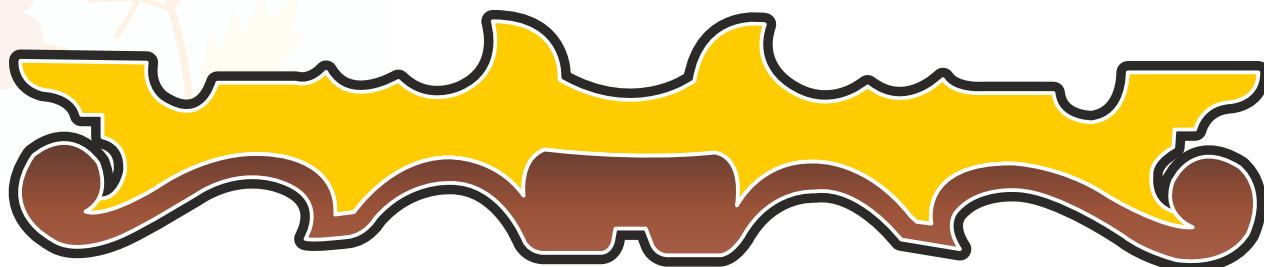
conjunto da *afición* portuguesa: na sexta-feira, dia 1, às 18H00, no Celeiro da Patriarcal, *PALHA, 150 anos de História / Alquimia da Bravura*, da autoria de Pierre Dupuy, aficionado e historiador tauromáquico de nível internacional, que nesta obra se debruça sobre a vida e o percurso da mais importante ganadaria portuguesa; e no sábado, dia 2, às 19H30, também na Patriarcal, *Da Prata ao Ouro*, um livro de Mário Coelho sobre a sua notável carreira, desde os primeiros passos à consagração como grande Maestro, no momento em que o Matador comemora as suas bodas de ouro como profissional do toureio.

Por fim, gostaria de deixar alguns apelos, tendo em vista a desejável intervenção de todos quantos estejam disponíveis para tornar a nossa festa mais fraterna e participada: aos particulares, para que decorem montras e janelas e compareçam em força nos mais importantes e significativos momentos da nossa iniciativa conjunta; às tertúlias, para que colaborem na manutenção do verdadeiro espírito do Colete Encarnado, abrindo efectivamente as suas portas e incentivando esta nossa invulgar e diferente maneira de estar e conviver; e a todos os outros, filhos da terra, moradores no concelho ou simples visitantes, para que nos ajudem e se divirtam connosco. Vila Franca de Xira merece tudo isso e muito mais!

Um bom Colete Encarnado de 2005!

A Presidente da Câmara Municipal


Maria da Luz Rosinha



OS IRANDA CAMPINO HOMENAGEADO 2005

82 anos de vida e 73 anos de campinagem:

Uma aliança perfeita entre instinto e dedicação

O homem de que aqui se vai falar, está reformado, há 12 anos, mas continua a apresentar-se com uma indumentária, que denuncia não só o que foi a sua profissão, um percurso de 73 anos, mas, acima de tudo a sua forma de estar na vida: a campinagem. Este não foi apenas o ofício que desde sempre abraçou, mais do que mera vocação, faz parte da sua essência. Por isto e pela forma como honrou o seu ofício, Zé Miranda, como é conhecido, foi eleito, entre os seus parceiros de profissão, o Campino Homenageado do Colete Encarnado 2005.

A homenagem

Dia 2 de Julho de 2005, vai ser uma data memorável para este homem. Todos os seus companheiros, aqueles que realmente entendem e reconhecem a sua dedicação ao ofício comum a todos, reúnem-se na Praça do Município para o homenagear. Uma cerimónia solene para distinguir um parceiro que dedicou 73 anos da sua vida à arte de lidar com gado. É, sem dúvida, um marco na vida deste homem, ainda mais quando esta distinção vai ser feita na Festa do Colete Encarnado, aquela pela qual nutre um carinho especial. Um sentimento de alegria para o qual não tem explicação, mas que se consegue captar pelo brilho dos seus olhos, sempre que fala nesta grande festa.

Só factores de força maior o fizeram, ao longo dos anos, faltar à festa. Quando vai, fá-lo de alma e coração. Tal como refere, com um tom que denota um misto de tristeza e alguma resignação, só não faz mais pela profissão porque "já não tenho pernas para isto". É participante activo em todas as animações, nas quais o campino é o personagem principal e ainda há quatro anos em Salvaterra de Magos conseguiu, com 78 anos de idade, ficar no honroso 6.º lugar da classificação final da "Prova dos Fardos". Ainda fui capaz", disse de forma vitoriosa.

Aliás, Zé Miranda é um homem que se afirma vaidoso, não no sentido fútil da palavra, mas sim com o objectivo de fazer sempre melhor. No fundo era esta característica da sua personalidade que o impulsionava a procurar formas de melhorar a sua arte. "Sempre tive vaidade daquilo que fazia, ainda hoje tenho, já não tenho é pernas para nada. Ainda hoje tenho vaidade de fazer algumas coisas que muitos não conseguem fazer", foi assim que transmitiu o que sentia em relação ao seu desempenho.

A sua nomeação para Campino Homenageado 2005 das Festas do Colete Encarnado, é mais uma conquista pessoal na sua vida. Conseguido por mérito próprio, é inevitável que seja um justo motivo de vaidade. Tal como referiu, "sinto-me alegre, porque quando andamos nesta vida gostamos sempre de mostrar alguma coisa". Na verdade esta cerimónia nasceu com este único propósito, sendo de facto um momento marcante para o homenageado. Embora Zé Miranda tenha consciência de que exerceu o seu ofício de forma generosa, com dedicação total, este momento oficializa o reconhecimento dos seus camaradas de profissão. Representa tudo o que conseguiu ultrapassar na sua vida de trabalho que, no seu todo, teve mais momentos de sacrifícios, do que de festa. Esta cerimónia tem assim um significado muito especial, encerrando muitos sentimentos, emoções e recordações. É quase que o único momento, onde os períodos difíceis vividos são encarados como experiências gratificantes. Estes passam a ser encarados como meros testes de dedicação à arte de campinar, que exige trabalho árduo, quase sempre executado em situações climatéricas adversas. Aqui é tempo para reflectir nas dificuldades que conseguiram superar com sucesso.





O amor aos animais

O perigo na vida dos campinos está sempre ao alcance de uma simples distração, que pode ser fatal. Lidar com gado bravo exige cuidados, mestria, experiência e capacidade de improviso. Estes factores alcançam-se com o tempo de experiência. Mas, o instinto e a capacidade de criar empatia com os animais, são qualidades indispensáveis a qualquer campino. Estas não nascem com qualquer um. Zé Miranda foi abençoado, ou pela genética (o pai também era campino), ou por factores que transcendem qualquer lógica racional, que lhe permitiu sempre “falar” com os animais, lidando sempre com eles sem recurso à violência. No desempenho das suas funções não usava esporas. “Tenho um relacionamento especial com os animais, tenho pena de todos e gosto muito deles. Estimo-os. Na minha opinião não se deve picar os cabrestos, senão não conseguimos fazer nada deles, ganham-nos medo e fogem. Com os touros conseguia que eles fizessem tudo o que eu queria. Tentava perceber qual era a vontade deles e respeitava-a. Tudo o que fazia com o gado, era partindo deste princípio e não o de começar logo a picar nos animais”, foi assim que o Campino Homenageado 2005 revelou um dos seus segredos. Talvez tenha sido esta forma de estar para com os animais que o fez sair várias vezes em ombros da praça. Esta foi uma das funções que desempenhou amiúde ao longo da sua vida e da qual muito se orgulha: “Para mim o trabalho na praça era feito com muita vaidade. Nunca fugia. Fiz muitas, muitas corridas e eram raras as vezes que saltava a teia” recorda Zé Miranda com um tímido sorriso nos lábios.



O trabalho na Praça de Touros

"Acompanhava muito o Grupo de Forcados Amadores de Santarém e eles gostam muito de pegar os touros de "cernelha" o que implica um trabalho muito grande com os cabrestos e o touro dentro da arena. Nessa altura corria muito e conseguia saltar a teia só com uma mão, mas poucas vezes foi necessário chegar a tanto" recorda o entrevistado, revivendo esses momentos de grande adrenalina. O encabrestar do touro, para o preparar para a "pega", implica, naturalmente, algum perigo para os campinos, pelo que exige muita experiência e mestria. O espaço é confinado, os cabrestos e o touro estão fora do seu "habitat" natural e conseguir fazer com que um animal selvagem se coloque em determinada posição, havendo a possibilidade concreta deste "investir" no campino, faz com que estes momentos sejam vividos sob grande tensão. "Quando vamos para a praça temos de deixar o coração em casa, porque senão andamos sempre a tremer, só podemos pensar no que vamos fazer. Eu ia para lá e esquecia-me de tudo, da mulher, das filhas. O que interessava era saber como é que havia de lidar dentro da praça, para não sair da teia".

Até o saltar da teia tinha os seus perigos: "Uma vez, aqui, em Salvaterra de Magos, ia fazendo um desastre, sem querer. Tive de fugir e conforme galguei a teia, não larguei a vara e ia espetando uma senhora no peito, que estava logo ali. Mas, depois vi que apenas tinha espetado a parede" continuou Zé Miranda. Embora reconheça que esta função era aquela que mais perigo representava para a sua vida, era a que mais prazer lhe dava, porque exigia uma articulação minuciosa, decorrente de muita experiência e controlo (entre o domínio dos cabrestos e a lida com gado bravo). "Quando entramos na praça vemos logo a forma do touro trabalhar, às vezes ele vai para o meio da arena e não quer sair de lá. Nós temos de andar com os cabrestos, da esquerda para a direita e, mesmo assim, ele nem vai, nem faz caso, alguns até marram nos cabrestos. Quando isto acontece os cabrestos fogem e é preciso muita sabedoria para encabrestar o touro. Depois, é preciso ter os cabrestos bem escolhidos e tê-los na mão e para isto, eles não podem ter medo de nós", este é, segundo o entrevistado, o segredo para a fama que granjeou nas arenas.

O instinto da lida com touros

Mas, refira-se que o sucesso não se resumia à lida com o touro nas praças. Casos houve, no campo, cujo final poderia ter sido desastroso, não fosse a intervenção de Zé Miranda. Recorda, a título de exemplo, um episódio, que em princípio apenas exigia procedimentos corriqueiros: o enjaular de um touro, para as Festas do Colete Encarnado. "Quando o apartámos dos outros, ele ficou muito nervoso e fugiu. Ganhou tal velocidade, que nem campinos, nem cabrestos, o conseguiram acompanhar. Mas, eu nunca o larguei. Corri, três a quatro kms, pela charneca fora. Quando vi que ele ia a chegar à estrada, mandei parar os carros, para ele poder passar e não meter ninguém em perigo. Um condutor recusou-se a parar e o touro enfiou a cabeça na janela do pendura, onde ia a esposa. A senhora quase morreu de susto. Mas, nem isto o parou e ele seguiu. Cansado, acabou por se deitar numa parte arvorada. Eu parei a 20 mtrs dele, à sombra de um chaparro. Fazia muito calor. Apenas um cabresto me acompanhou nesta corrida e, também estafado, foi deitar-se ao pé do touro. O primeiro a chegar ao pé de mim foi o patrão, João Ramalho. Entretanto, o touro, depois de ter descansado, levantou-se e começou a comer. Eu sabia que era uma questão de tempo para ele recomeçar a fugir. Era preciso resolver o assunto e depressa. Comecei a falar ao touro, chamava-o pelo nome, "Cabaço". Chamando-o, com a ajuda do cabresto e do meu patrão, lá conseguimos encaminhá-lo para o enjaulador".



A experiência na lida com o gado bravo é fundamental na vida de um campino, mas há situações que fogem do controlo e onde, nem essa mais valia, consegue evitar o perigo. Zé Miranda recorda-se de um episódio, o único em que teve realmente medo de morrer. Viviam-se tempos de cheias em Benavente e foi convocado para retirar uns touros encurralados numa charneca. "Os touros eram do Rafael Calado e éramos para aí uns 15 camaradas a ajudar. Havia um touro descontrolado, que marrava nos cavalos e em tudo. Lá o laçámos e quando o fui buscar à borda de água, ele investiu contra mim. A égua em que estava montado fugiu, mas apanhou erva, escorregou e acabámos os dois no chão. Eu fiquei onde estava e ela seguiu. Eu muito agachado, não me mexia e o touro arrancou atrás da égua e encornou - a no curvilhão. Ao ser atingida defendeu-se com um valente coice. O touro ficou tão atordoado que voltou outra vez para a água. Só aí é que eu me levantei e comecei a respirar fundo. Mas, não desisti. Fui buscar a égua ferida e quando ele voltou a investir nela, fugi para terra firme. Nesta altura é que os outros campinos conseguiram laçar o touro e enjaulá-lo. Durante todo o tempo que lidei com gado, foi a única vez que tive medo. Já tinha sentido nervoso para que tudo corresse bem, mas medo, nunca!", afirmou o Campino Homenageado deste ano, que, volvidos anos sobre este episódio, pareceu voltar a suspirar de alívio, por ter conseguido sobreviver.

O “sexto sentido”

João Ramalho, proprietário da herdade das Gatinheiras, onde este campino serviu cerca de 20 anos, admira o “sexto sentido” deste homem para lidar com o gado: “Lembro-me de uma vez ter fugido aqui da propriedade um touro. Como ninguém o tinha visto, achei que o tinha perdido, para sempre. Sem eu saber, o Zé foi à procura de vestígios da sua passagem, até que percebeu, volvidos alguns dias, que ele estava para os lados do Campo de Tiro de Alcochete. Veio ter comigo e contou-me da descoberta, mas disse que ainda não era tempo de o ir buscar. Passados quinze dias, voltou a falar comigo para me dizer que o animal já estaria pronto para regressar. E não é que o touro estava mesmo onde o Zé tinha previsto e conseguimos trazê-lo de volta!”, recordou o ganadeiro, demonstrando um profundo sentimento de admiração e agradecimento.

Também com os cavalos, mesmo os de trato mais difícil, Zé Miranda tinha uma forma especial de lidar. Conseguia fazer com que eles executassem as suas tarefas de acordo com o exigido a uma montada, ao serviço de um campino. O cavalo que recorda com maior carinho, chamava-se “Pombinho”, porque era de pelagem branca. Era um Lusitano, com ferro Alberto Pedroso, mas com uma personalidade pouco característica da raça. Tanto que decidiram mandá-lo para abate: “Quando o António Ferrador, de Vila Franca de Xira, o viu, achou que era um crime abater o animal e trocou-o por outro que lá tinha. Lembrou-se de mim para o montar. Eu estava na Casa João Ramalho e, na altura, tinha uma pileca, por isso fui falar com o patrão e fez-se o negócio. No primeiro dia que fui lidar com gado bravo montado nele, tive um bocado de receio. Quando desatava a correr, só parava quando ele queria e não quando era preciso e mesmo assim não parava a direito. Teve sempre manha, que tinha de controlar muito bem. Mas lá nos conseguimos entender. Ainda trabalhei com ele sete anos. Era um cavalo que só lhe faltava falar”.

Natural de Benavente, este homem nunca saiu da região, embora tenha trabalhado em várias casas agrícolas e ganadarias, excepção feita quando foi para a tropa e quando decidiu, a troco de um salário melhor, ir para uma herdade no Alentejo, a casa do Dr. José Manuel Andrade (onde acabaria por se reformar). A sua vida, desde os nove anos de idade, foi sempre dedicada à campinagem, mas mesmo antes de começar a trabalhar, já vivia esta profissão com muito entusiasmo, até porque foi criado junto do gado. O pai era campino e a mãe executava alguns trabalhos na lavoura. Não houve lugar para frequentar a escola, as charnecas onde o pai vigiava o gado ficavam longe de Benavente, onde só regressavam ao fim-de-semana. É com algum pesar que reconhece o seu analfabetismo, mas naqueles tempos a prática era corrente e, por outro lado, foi assim que desenvolveu uma grande “amizade pelo gado e pela campinagem”.

O Mestre “Zé Maria”

Recorda com muito carinho um campino da Casa Dias, onde trabalhou 11 anos, “um mestre”, de nome Zé Maria. Na altura Zé Miranda tinha cerca de 26 anos e este campino já era sexagenário. Segundo o Campino Homenageado do Colete Encarnado de 2005, este campino era muito conhecedor do ofício e muito valente. Foi com ele que aprendeu a dominar o medo na lida com o gado bravo. “Posso agradecer a ele tudo o que sei, principalmente a não temer o gado. Lidei com muitos campinos, mas nenhum era a sombra dele”, disse quase que agradecendo ao destino a oportunidade que teve ao trabalhar com este campino.

Mas, outra pessoa faz com que a casa Dias traga a Zé Miranda, recordações que lhe são muito queridas. Foi aí que conheceu Joaquina Maria, a cozinheira, que havia de vir a ser a sua mulher e mãe das suas duas filhas. Inclui ainda na sua “família”, João Ramalho, a Maria Tereza (mais conhecida por Tareca, a actriz que fez sucesso nas telenovelas portuguesas e mãe do actor Tó Zé Martinho) e os filhos, afinal foram 30 anos ao serviço da casa Ramalho, período no qual viu crescer as suas filhas e as do casal Ramalho. Uma convivência partilhada com muitos momentos de convívio e de trabalho até porque João Ramalho acompanhou muitas vezes Zé Miranda, nas lides com o gado. Foi uma parceria de décadas, que continua mesmo depois da reforma do campino. Sempre que pode, regressa à Herdade das Gatinheiras para ajudar em várias tarefas, limpar os estribos, pequenos arranjos, etc.. Só não vai mais vezes à Herdade porque deixou de conduzir a mota, já caiu duas vezes nos últimos tempos e começou a ser perigoso deslocar-se desta forma.

Fisicamente, os seus 82 anos são um “fardo” para este homem que quer continuar a ser útil. As deslocações à herdade estão limitadas e a destreza enquanto cavaleiro também. No entanto, a mente, não está confinada a estes marcos físicos e, graças ao pensamento ligeiro e às recordações bem vivas, Zé Miranda vive a sua vida de octagenário, com um vigor ímpar e uma alegria de viver contagiante. Nunca esquecendo quem é realmente: um campino. Prova disso é a postura, o discurso vibrante no que toca ao assunto da lida com o gado e as vestes de trabalho, que continuam a fazer parte do seu dia-a-dia, como se a reforma ainda não tivesse acontecido. Tudo isto parece ser a prova concreta de este homem não querer cortar com as raízes da sua essência. Por tudo isto e pelo seu contributo valioso à arte da campinagem, dia 2 de Julho, na Praça do Município, estará trajado de vestes festivas, colete vermelho e barrete verde.

A homenagem que faltava ao campino Zé Miranda, cujo instinto e dedicação, fizeram com que exercesse o seu ofício de forma singular.

Prazeres Tavares





11h00

Animação no Mercado Municipal

18h00

Lançamento do livro "Palha - Alquimia da Bravura /150 anos de História", de Pierre Dupuy, no Celeiro da Patriarcal

19h00

Visita às Tertúlias

21h00

Missa Rociera (Igreja Matriz de V. F. Xira)

22h00

Concerto com "EZ SPECIAL" (Av. Pedro Víctor)

22h30

Animação itinerante nas ruas e palcos da cidade

23h30

Animação com Tunas Académicas (Av. Pedro Víctor)



01h30

Animação no Palco da Av. Pedro Víctor

02h00

Garraizada da Sardinha Assada na Praça de Toiros Palha Blanco

04h30

Distribuição de caldo verde

10h30

Espera de Toiros seguida de Largada

15h00

Partida do 3º Cruzeiro / Regata da Moita

16h00

Animação infantil no Jardim Municipal

17h00

Teatro de rua na Praça Afonso Albuquerque (Lg. da Câmara)

18h00

Corrida na Praça de Toiros Palha Blanco

22h00

Fado com JOANA AMENDOEIRA (Av. Pedro Víctor)

23h30

Animação com fado na Praça Afonso Albuquerque

(Lg. da Câmara)

24h00

Encerramento com o Fado de Vila Franca, na Praça Afonso de Albuquerque (Lg. da Câmara) e fogo-de-artifício no Jardim Municipal

programa



02h00

Espera de Toiros seguida de Largada

10h00

Inauguração da requalificação do Largo do Monumento ao Campino; Concentração de Campinos e deposição de uma coroa de flores no Monumento ao Campino

10h30

Corridas de Campinos (Lg. 5 de Outubro)

11h00

Animação no Mercado Municipal

12h00

Chegada a Vila Franca de Xira do 3ºCruzeiro / Regata da Moita

14h30

Concurso de Atrelagens de Tradição (Lg. 5 de Outubro)

16h00

Homenagem ao Campino na Praça Afonso de Albuquerque

(Lg. da Câmara)

Desfile de Campinos / Desfile de Atrelagens

18h00

Espera de Toiros seguida de Largada

19h30

Lançamento do livro de Mário Coelho "Da prata ao ouro - História de um Toureiro", apresentado por Agustina Bessa Luís, no Celeiro da Patriarcal

20h30

Visita às tertúlias

22h30

Animação com "Evergreens" na Praça Afonso de Albuquerque

(Lg. da Câmara)

23h00

Noite da Sardinha Assada (Rua 1º de Dezembro, junto à Travessa do Araújo e antiga Lota)

23h00

Animação itinerante nas ruas e palcos da cidade

Fado, Sevillhanas, Tunas Académicas, Grupos de Música e Ranchos Folclóricos

23h30

animação

1

11.00 MERCADO MUNICIPAL

NÍMA OPELOS AÍTA OLEIROS

19.00 HORAS VISITA SERT LÍAS AUROM QUICAS COM ANÍMA ODE FADISTAS

21.00 HORAS GREÚA ATRIZ DE ILA RANCA DE IRA ISSA OCIERA

22.00 HORAS NÍMA O TÍNERANTE

. NOPORTUNA UNA CAD MICA DA ACULDADE DE ETRAS DA NIVERSIDADE DE ISBOA

. UNIS UNA CAD MICA DA SCOLA UPERIOR DE OMUNICA O OCIAL

. AÍTA OLEIROS

. ANDA ESA

ALCO DA VENIDA EDRO ICTOR

22.00 HORAS

ONCERTO PELOS PECIAL

23.30 HORAS

NOPORTUNA UNA CAD MICA DA ACULDADE DE ETRAS DA NIVERSIDADE DE ISBOA

. UNIS UNA CAD MICA DA SCOLA UPERIOR DE OMUNICA O OCIAL

2

11.00 HORAS MERCADO MUNICIPAL

NÍMA OPELOS VERGREENS

NÍMA O DE VAS E ALCOS DA IDADE OÍTE E ADRUGADA DE 2 E 3 DE ULHO

20.30 HORAS VISITA SERT LÍAS AUROM QUICAS COM ANÍMA ODE FADISTAS

22.30 HORAS RA A SONSOS DE LBUQUERQUE GODA MARA

NÍMA OPELOS VERGREENS

23.00 HORAS

ACACOS DAS VAS DE VORA

INCENTUNA UNA CAD MICA DA ACULDADE DE

INCINAS DA NIVERSIDADE DE ISBOA UNA CAD MICA DO

INSTITUTO UPERIOR DE INCINAS DO RABALHO

E DA MPRESA

NÍMA OPELOS VERGREENS

ALCO DA VENIDA EDRO ICTOR



tertúlas

1. BREIXA
G. ELMO ERDÍG O. 3
2. AMPILHO.
. ANVEL ILVA URRICO LTO DO
ESQUITA
3. CASA ELHADO MARAL
V. DO OUGUE, 9
4. HARRUA
. OEL ERDÍG O. 43
5. IR SÍLA
. ARRETO OEIRA T R C T.
6. LUBE AURINO ILA SFRANGUENSE
. OS IAS DA ILVA 22
7. OMPANHEIROS DO ALDE, S
G. ELMO ERDÍG O. 4 6
8. URRO.
. ICADO HINELLO ILVA ARRETO.

9. STAGUE.
. NT NIO OS DE LMEIDA, 56
10. ARRAS, S RUPO SICCIONADO
. R. OUSA ARTINS, 9
11. ORCADOS MADORES DE IRA
ASA DOS
. DO SP RITO ANTO, 31
12. ORTURATO IM ES
. ARLOS OS ON ALVES, 13 C V
13. ANADERO.
C. DA ARROÇA 1
14. EZ RIA
. 1 DE ZEMBRO, 39
15. ANVEL UST DIO
. ACADURA ABRA, 45 2
16. I DAS DA ARROÇA S

17. USEU DO OLETE N CARNADO
V. DO ORNO, 8
18. ATURAL.
. OS IAS DA ILVA 48
19. AMPILHO.
ICADO HINELLO, 8
20. ARRAS, S
G. ELMO ERDÍG O. 22
21. ARRITA ANGA
V. DA OUREN A 20 22
22. ECANTO AURINO.
DA RAIA 1
23. OURIL
V. DA OUREN A 7
24. SE IRA
. R. OUSA ARTINS, 11

animação

23.30 HORAS U S EPRESAS
01.30 HORAS ANDA DE ALSA UBA IBR
03.00 HORAS EVILLANAS DEL UR

ALCO DO VARTEL DOS OMBEIROS OLUNT RIOS
23.00 HORAS EVILLANAS DEL UR
00.00 HORAS RUPO DE SICA OPULAR
01.00 HORAS AILE

ALCO DO RTIR ANTO ARGODA GREUA CLEO
USEOL GICO
23.00 HORAS IRA RASS VINTET
00.00 HORAS ANCHO OLCL RICO
00.30 HORAS RIO DMIRA
01.30 HORAS EVILLANAS DEL UR
02.00 HORAS ONCENTRA O DE TODOS OS ADISTAS

ALCO DA VA ELMO ERDÍG O
23.00 HORAS ADO

ARGODA GREUA DA ISERIC RDIA

23.00 HORAS ADO

RECORSO DA NIMA O TNERANTE:

RA A SONSODE LBUQUERQUE VA ELMO ERDÍG O ARGODA ISERIC RDIA VA R. IGUEL OMBARDA ARGODA GREUA ATRIZ

3
ARDIM UNICIPAL ORETO
15.00 HORAS
ONCERTO PELA ANDA ILARM NICA DO TENEU
RT STICO ILA SFRANGUENSE
16.00 HORAS
NIMA O NSANTIL S SANTOCHES DO UNDO DA VA
PELO EATRO PHYRO SSOCIA O
17.00 HORAS RA A SONSODE LBUQUERQUE GODA
MARA
NIMA O EGRESSO DO EPINO PELO EATRO ECIONAL
DA ERRA DE ONTEMURO

22.00 HORAS ALCO DA VENIDA EDRO ICTOR
ADO COM OANA MENDOEIRA

23.30 HORAS RA A SONSODE LBUQUERQUE GODA

23.30 HORAS

ADO

Pampilho de 2005 Honra



Colete Encarnado 2005

O Colete Encarnado nasceu há 73 anos para homenagear o campino, um personagem das Lezírias cujo ofício tem enraizadas tradições Ribatejanas. A cerimónia solene ocorre, desde então, no sábado de Colete Encarnado, no Largo do Município, em Vila Franca de Xira. Este, é sem dúvida, o momento alto do programa. Os campinos, provenientes de toda a região, vestidos a rigor, nas suas montadas engalanadas, reúnem-se para confraternizarem e prestarem homenagem, numa escolha conjunta, a um dos seus pares. António Manuel Caetano vai ser o nome que constará no pampilho, instrumento indispensável na sua labuta diária, que tem nesta ocasião o significado especial de um tributo póstumo.

Vai ser com muita emoção que este nome vai entoar na Praça do Município, até porque as feridas da partida recente deste campino, ainda não estão saradas. A sua morte precoce, abrupta e inesperada, ficará para sempre vinculada nos corações dos familiares, amigos e companheiros de profissão. Foram 46 anos de dedicação a uma vida nem sempre fácil, mas, o que teria sido verdadeiramente difícil para este homem, seria não ter podido vivê-la com tal empenho. Foi sempre com toda a plenitude das suas capacidades que desenvolveu o seu trabalho.

O passado deu-lhe toda a alegria de viver, o destino propôs-lhe abraçar uma profissão, o que veio a fazer com muita paixão. Tanta que, grande parte do amor que possuía foi dedicado a ela, tal como se de uma missão se tratasse. A sua família também tinha um lugar muito especial no seu coração. O presente, esse, pregou-lhe uma partida, mais pareceu querer cobrar toda a felicidade que tinha conseguido, tanto ao nível profissional como familiar. Inesperadamente, a 2 de Março último, um problema súbito de saúde





António Manuel Caetano

pôs fim à sua vida, ainda plena de vigor. A reforma estava nos seus horizontes, mas o afastamento da vida do campo nunca foi sequer equacionado como hipótese. As visitas aos colegas no activo, às pastagens e aos animais, estavam nos planos do resto da sua vida, que se esperava longa.

Recordando a entrevista para a Revista do Colete Encarnado 2004, ano em que foi o Campino Homenageado, a sua figura robusta de tez morena e a juventude que aparentava, não faziam prever este fim trágico. Da entrevista ficou a recordação de um homem de olhos azuis celeste ímpares, afável e de palavra fácil. Na memória da família ficou a recordação de um bom marido, pai e avô. Na memória dos seus colegas de profissão, destaca-se a distinção com que se entregou à arte, a que todos também dedicaram a sua vida: a campinagem. Mas esta forma de estar, estava apenas de acordo com a sua máxima de vida: "quando se faz o que se gosta, não é difícil".

Nascido a 5 de Outubro de 1950, na casa dos pais (como era hábito na época), no Pátio do Minocho, n.º 85, em Vila Franca de Xira, António Manuel Caetano é filho de um campino; daí talvez o seu gosto pelo campo, pelos animais, por esta arte única de lidar com o gado. A morte do pai, quando tinha apenas cinco anos, as dificuldades económicas que daí advieram, o pouco interesse pela escola, inverso ao crescente gosto que vinha a desenvolver pelo trabalho desenvolvido no campo, foram as circunstâncias ideais, para que, aos oito anos, fosse ao Cabo da Lezíria, com um

amigo, assistir a uns trabalhos com gado. Aquele local, tão perto e ao mesmo tempo tão longe de sua casa, sempre lhe tinha suscitado grande curiosidade e interesse. O que viu determinou de forma incontornável a escolha do seu percurso profissional.

A Companhia das Lezírias foi a casa que o acolheu, onde aprendeu todo o ofício e onde desenvolveu uma paixão fulgurosa pela arte de lidar com o gado. Interrompeu o seu trabalho de campino em apenas duas circunstâncias: quando foi cumprir o serviço militar obrigatório e quando o patronato lhe solicitou que desenvolvesse, durante algum tempo, a função de ajudante portamiras nos terrenos da Companhia das Lezírias. Mas, assim que lhe foi permitido, voltou a envergar a farda que muito honrava, a de campino.

Este homem dedicou 46 anos da sua vida à arte de campinar, 30 dos quais às esperas do Colete Encarnado. Por tudo isto, pela sua vida ao serviço de um ofício ancestral (e que se pretende de futuro), os seus companheiros, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, enfim, a grande Festa do Colete Encarnado quer dedicar-lhe este "pequeno" momento à sua memória. Pequeno nos parâmetros temporais, mas infindável na simbologia contida no Pampilho de Honra 2005.



Tertúlia Cirófila



Sendo prática na família Lopes, proprietária de uma dependência anexa ao seu estabelecimento de taberna e restaurante localizado na Serpa Pinto, comercializar água-pé durante os últimos meses do ano, dois amigos da casa José Cascais (vulgo «Zé da Bica») e Rui Machado Lopes (além de amigo, familiar) propuseram-se decorar o local com cartazes e motivos taurinos, a fim de acentuar o carácter típico e a ambiência do lugar.

Terminado o período de venda da bebida e aproveitando o trabalho entretanto realizado, logo surgiu a ideia, por todos aplaudida, de criar ali uma tertúlia. Por ser vizinho e pessoa de reconhecido bom gosto, foi então convidado a colaborar no arranjo e decoração o conhecido vila-franquense Raul de Carvalho, que ornamentou o espaço com imagens e outras referências respeitantes a ganaderos, toureiros, forcados, campinos e demais intervenientes na Festa Brava, expondo igualmente no local uma criteriosa mostra dos mais variados utensílios ligados à cultura popular e à vivência de Vila Franca de Xira e do Ribatejo.

Seguidamente, em 11 de Novembro de 1969 (dia de S. Martinho) procedeu-se à criação formal da tertúlia, cujo nome não foi difícil de encontrar. De facto, em livros antigos o nome de Vila Franca de Xira surgia também referido como «cira», vocábulo árabe correspondente a «lugar de mato», «silvado», «matagal», localizado na margem direita do Tejo, a cinco léguas de Lisboa, onde no passado predominavam animais selvagens.

Por outro lado, era intenção dos novos tertulianos, além da defesa dos aspectos tradicionais da sua terra e da sua região, fomentar a amizade e o bom relacionamento manifestados em reuniões e convívios já realizados. Assim, e no sentido de encontrar um novo elemento de referência, o pensamento de todos recaiu na palavra mais preferida Amigo, que em grego se escreve «filo». Estava assim encontrada a designação, unindo as duas palavras «cira» e «filo», pelo que a tertúlia passou a chamar-se CIRÓFILA, daí decorrendo também que CIRÓFILO seria equivalente a «Amigo de Cira» e CIROGENO igual a «natural de Cira».

Terminados os trabalhos decorativos e aprovado o nome a perpetuar no futuro, foram imediatamente realizados os primeiros encontros oficiais da nova Tertúlia, todos eles revestidos de grande interesse e popularidade. Tendo como fundadores Joaquim Saavedra Valente, Rui Machado Lopes, Raul de Carvalho, Joaquim da Silva Ribeiro, Rui Patrício Lopes, Armando Jorge de Carvalho, Adelino Antunes, Fernando Soeiro, Carlos Pereira da Silva, António Manuel Santos, João Manso, Luís Machado, João José Barroca, Henrique Santos e Joaquim Brás Moura, a

CIRÓFILA foi em 12 de Julho de 1973, pelo Colete Encarnado, integrada na Noite das Tertúlias e distinguida pela Câmara Municipal com uma placa alusiva a essa distinção.

Mais tarde, a escritura formal da Associação foi lavrada no 1.º Cartório de Vila Franca de Xira, aos dezanove dias do mês de Abril de mil novecentos e oitenta e um e publicada no Diário da República, III série, n.º. 123, de 29 de Maio de 1981, tendo como finalidade o desenvolvimento da Festa dos Toiros, visando a formação humana através da educação cultural, aficionada e recreativa, e encontrando-se aberta a pessoas de ambos os sexos.

Das várias reuniões e convívios realizados na sede da Tertúlia, uma houve que não será esquecida por quantos tiveram o gosto e o prazer de nela estar presentes. Tratou-se de uma exposição verbal do matador José Júlio e do cirurgião Dr. Ramiro Seabra sobre o exercício das suas profissões, descritas de tal modo por cada um deles que mais parecia estarem a falar de uma só, tal era a maneira como nelas se conjugavam e equiparavam o esforço físico, a concentração emocional e o sentido das responsabilidades.

No seguimento da sua actividade, foi a CIRÓFILA parceira de iniciativas levadas a cabo pela Comissão das Tertúlias, em diversos eventos: descerramento de uma placa toponímica na Rua José Falcão; cerimónia de transladação, de Salamanca para Vila Franca de Xira, do corpo do malogrado toureiro; construção no cemitério da cidade de um mausoléu em honra do mesmo matador, onde repousam os seus restos mortais; dinamização do movimento das Tertúlias Vila-franquenses que levou à construção do Monumento ao Campino; presidência, através de um dos seus membros, da



Comissão Instaladora que conduziu à formação do Clube Taurino Vilafranquense; realização da I Feira do Melão; montagem de muitos festivais taurinos com a presença dos maiores toureiros portugueses e espanhóis; realização de um cortejo e de uma corrida de toiros à antiga portuguesa; construção do monumento ao Toureiro; exposição «Paixão pela fotografia, de José Van-Zeller Pereira Palha», em cuja inauguração esteve presente a grande fadista Amália Rodrigues. A este propósito, importa também referir a predominância da Tertúlia Cirófila na visita do Presidente da República, Dr. Mário Soares, às Tertúlias Vila-Franquenses, em 2 de Fevereiro de 1993, aquando da Presidência Aberta na Área Metropolitana de Lisboa, altura em que assinou o nosso livro de Honra.

Além dessas iniciativas, a Tertúlia tem organizado festas camperas e encontros de carácter taurino, tendo também comemorado os seus 25 e 30 anos de actividade com a realização de festejos alusivos a essas efemérides, nunca deixando de se integrar no conjunto das Tertúlias Vila-franquenses, verdadeiros museus recheados de riqueza em cada documento, para exaltação do mundo dos toiros e da história de Vila Franca de Xira, a partir da salvaguarda dos mais importantes valores estéticos e etnológicos, bem como da evocação dos locais de reunião e convívio de parentes e amigos.

Após a transferência das instalações, da Rua Serpa Pinto para a Rua Almeida Garrett, os encontros e convívios da tertúlia passaram a realizar-se às quartas-feiras, o que aconteceu durante seis anos, até que, por razões logísticas, apenas a Sede Administrativa permaneceu no local, passando os tertulianos a reunir-se em praticamente todos os estabelecimentos de restauração da cidade, na última sexta-feira de cada mês, assim conseguindo manter o mesmo espírito e a mesma vivência. Efectivamente, essas reuniões continuaram a contar com a participação de convidados das mais variadas actividades, que deram a cada uma o mesmo e desejado brilho, na discussão aberta e participada de diversos temas: «Como vai o mundo dos Toiros»; «Por uma cidade participativa e uma Vila Franca melhor», entre outros.

Sendo certo que cada virtude requer apenas um homem, apenas a amizade requer dois. Felizmente que em mais de 30 anos éramos

sempre mais do que dois. E que o convívio, além de demonstrar a nossa amizade, nunca deixou de ser também demonstrativo do nosso apego a Vila Franca de Xira. Não admira, por isso, que se tenham registado inscrições de novos tertulianos, como em 19/03/99 aconteceu com Jorge de Carvalho, Miguel Santos, Nuno Amorim Moura, Mário Antunes, Ricardo Lopes, Rui Carvalho e Jorge Santos.

Entre pares de uma Sociedade Civil, com direito a intervir e a expressar opiniões, é natural a abordagem de assuntos prementes na vida da nossa cidade. Durante todos estes anos, foram abordados temas tão diversos como Saúde, Acessibilidades, Trânsito, Ensino, Equipamentos Colectivos, equipamentos de Solidariedade Social, equipamentos de Desporto e Lazer, Cultura, Habitação, Indústria, Artesanato, Comércio e Serviços, Ordenamento Paisagístico, Agricultura, Higiene e Salubridade, tudo coisas sérias de que se fala «a conversar» mas no claro e único intuito de construir.

Ao longo destes anos, muitos foram os que tomaram parte nos convívios da nossa tertúlia: Presidentes de colectividades locais, figuras do toureiro e representantes das mais variadas entidades e profissões.

Em 5 de Outubro de 2004, foram inauguradas pela Presidente da Câmara Municipal, D. Maria da Luz Rosinha, as nossas novas instalações, sitas na Rua Barreto Poeira, Lote D, rés-do-chão direito, na nossa cidade.

Por fim, em 11 de Novembro de 2004, destaque para a entrada de três novas tertulianas: Ana Rita Carvalho, Catarina Barroca e Fátima Valente.

Uma nota final: no início do corrente ano deixaram de estar connosco dois cirogenos fundadores da Tertúlia, que a todos deixaram as maiores saudades: Raul Eduardo Costa Carvalho e Carlos Matias Pereira da Silva. Paz às suas almas!

Joaquim Saavedra Valente
Cirogeno



LEZÍRIA, LIVRO ABERTO PELO VENTO

À memória de Alves Redol

Um homem emerge do coração dos livros e de peito aberto ao vento pergunta à lezíria, sua irmã, amante e confidente, que histórias tem para lhe contar que possam ser contadas nos livros e que depois passem de boca em boca até que um dia o esquecimento as leve, como as águas do rio arrastando na cheia as dores e as mágoas de quem, labutando, nunca desistiu de ser feliz.

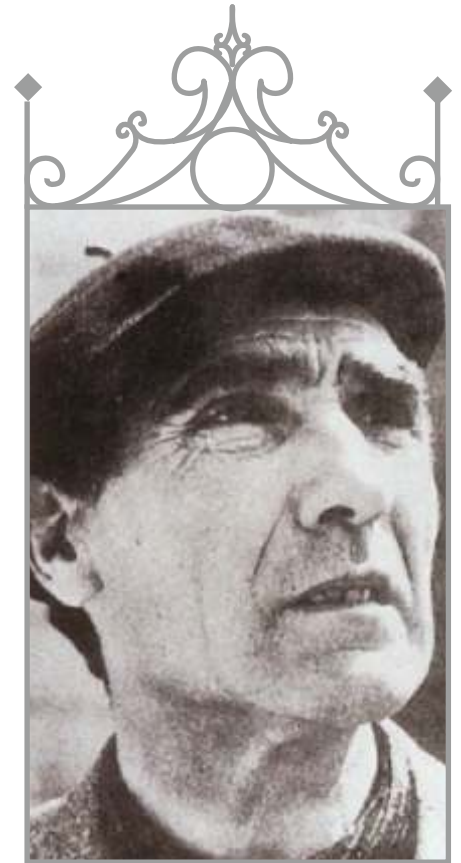
O homem está sentado na pedra rija daquilo em que crê, daquilo que ama e sente-se, ao mesmo tempo, pai e filho das personagens que povoam o barranco de cegos onde as palavras se juntam para mostrar que a realidade pode ser, assim o queira, a mais rica e pujante de todas as ficções.

O homem não tem pressa enquanto escreve, porque está a fazer uma revolução escrevendo, porque o medo nunca lhe tolheu os movimentos, porque tem um método seguro e um rumo certo, porque quer pôr o povo a falar, livre com as águas, nos capítulos de uma gesta antiga que a nenhum silêncio se quis render.

O homem ajeita a boina basca, rosto anguloso, olhar inquiridor desafiando as aparências que outros celebram como se fossem verdades, e depois abre os livros e entra neles por uma porta inventada como se entrasse num quartel de inverno para fazer triunfar o canto matinal da gente caminhando para a labuta dos campos.

O homem sabe que a lezíria é a cama em que os justos se deitam para contar as estrelas que baralham à noite a geometria dos céus. Podia chamar-se Constantino e fazer dos astros o rebanho que guarda como se fosse o seu tesouro. O homem está sentado a ver a vida a passar, mas não desiste de a transformar, de a moldar, barro a que o amor da escrita dá corpo, com esse jeito único que tem de contá-la. Nisso é gémeo dos poetas, porque conhece de ciência certa a mágica força do verbo, capaz de incendiar a noite adormecida com as lindas ideias livres que trespassam muralhas.

O homem desceu à cidade sem se apartar do seu chão agreste e doce que já foi de partos, de mortes e de bailaricos, de gargalhadas e de longos e sussurrados lutos. A gente da labuta acena-lhe ao vê-lo passar, pois vai ali o seu poeta, o seu cronista, a voz que lhes dá voz como se lhes soprasse vida.



É assim o homem, é assim a sua soberana arte.

Os bichos da lezíria sabem que ninguém sabe falar deles como o homem quando se põe a escrever. Está ali o amigo que lhes abre as portas dos livros como se lhes desse de oferenda uma fatia do céu, talhada fresca do doce melão do estio.

O homem um dia adoece e definha, com uma tristeza que lhe tolhe as palavras, numa pátria que lhe promete a liberdade mas que só lhe dá sofrimento e amarga espera, tanta que, mesmo sem querer, já o desespera. Abre os livros e fecha-se dentro deles como se fossem uma cripta para sempre iluminada pela claridade que lhe burila as frases. Por vezes, em sonhos, esvoaça sobre a lezíria e ouve, arrastado pela brisa, um coro sonante que lhe grita comovido: "Até sempre, Alves Redol, sem ti a lezíria sente-se tão pobre e tão só que somente o sol lhe dá alento para começar tudo de novo mal o dia desponte". Então o homem fecha o livro, sempre sem pressa, e atravessa a rua que tem o seu nome, rumando à eternidade, ali mesmo ao dobrar da esquina.

José Jorge Letria
Maio de 2005





Feira do Melão

Jardim Municipal
de Vila Franca de Xira

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira / Turismo

2005
6 e 7 Agosto
um Concelho com Identidade



FEIRA

ANUAL

VILA FRANCA DE XIRA

de 1 a 9
OUTUBRO



XXXV

Salão



de Artesanato

PARQUE URBANO DE VILA FRANCA DE XIRA